

BRASIL-PORTUGAL

16 DE OUTUBRO DE 1905

N.º 162

Emilio Loubet



Presidente da Republica Franceza

CHRONICA



visita do presidente da Republica Franceza ao rei de Portugal começa a prender vivamente a attenção do paiz, já habituada a essas festas que dão á capital um movimento desusado. Ha tres annos que se seguem as visitas de chefes de estado e personagens illustres. Atriu a serie, muito gentilmente, em plena primavera de 1903, o rei de Inglaterra, Eduardo VII, que se esmerou bem em captivar a estima e o respeito de todos os portuguezes. Seguiu-se-lhe o juvenil monarcha Affonso XIII,

sympathico, bondoso, franco, amabilissimo, captando a sympathia de todos os que com elle tiveram a honra de conviver pela simplicidade do seu trato e pela alegria e vivacidade do seu espirito. Vieram depois os Duques de Connaught, com suas duas filhas, parentes proximos do soberano inglez e d'ahi a pouco a gentilissima rainha Alexandra a quem Lisboa fez uma recepção ruidosamente captivante. Poucos dias depois, mal a illustre princeza deixou a capital, chegou ao Tejo Guilherme II, o famoso Imperador da Alemanha e rei da Prussia, personalidade historica por tantos titulos notavel, e cuja presença foi saudada com equal enthusiasmo. Vem agora abi Mr. Emile Loubet, o sympathico Presidente da Republica Franceza, o primeiro magistrado d'esse paiz que é por assim dizer, de ha muito, a patria espiritual de todos os portuguezes que pensam e que estudam.

Poucos paizes, em verdade, teem com essa nação tão grande afinidade de raça e de sentimento como Portugal, onde a sua litteratura é tão conhecida e apreciada como dentro das suas proprias portas. Seguimos passo a passo o seu desenvolvimento material, que conhecemos de visu, os seus progressos artisticos, que copiamos muitas vezes e admiramos sempre, a variedade das suas industrias que importamos, proporcionando-lhe um dos mercados mais fertes. Apenas, não lhe seguimos os exemplos na sua politica irrequieta, o que não nos priva, no entanto, de lhe admirar o que de fecundo ella tem tido para a liberdade dos povos. Teve uma vez Pinheiro Chagas, discursando em Paris, n'um banquete em honra de um brasileiro illustre, o sr. Cavalcanti, commissario geral na Exposição de 1889, uma phrase a proposito da França que fez enorme sensação entre os francezes que a ouviram e que depois foi reproduzida com enthusiasmo: — *on lui reproche souvent ses incendies mais quand elle brule, c'est le monde qui est éclairé*, disse Chagas. Assim é na verdade, e as nações teem sabido aproveitar o que de bom teem tido para a humanidade as revoluções francezas, deixando para a França as consequencias desastrosas. Quando assim se procede, mostra-se bom senso e comprehensão nitida dos acontecimentos.

A' França devemos, todos nós, serviços importantes. Não se deve esquecer que é a ella que vamos buscar os ultimos figurinos dos seus vestidos e da sua arte, que a sociedade portugueza segue com curiosidade as transformações da sua moda e do seu theatro, que nas suas escolas vão muitos pintores portuguezes aprender e aperfeiçoar-se, que diariamente atravessam os seus *boulevards* centenas de portuguezes, deleitados com encanto d'essa vida de Paris, unica no mundo, onde a arte deu ha muito o braço ao prazer, para seducção da humanidade. Na maneira de vestir das senhoras portuguezas, na maneira de escrever dos escriptores nacionaes, e até na maneira de cosinhar dos creados indigenas, em tudo, desde os palcos dos theatros até ás montras das lojas, se sente a influencia franceza no nosso viver. Se algumas vezes ella tem sido de resultados beneficos, muitas outras vezes tem sido de resultados nocivos. Não raramente se tem perdido pouco a pouco o caracteristico genuinamente portuguez de muitas cousas e até pessoas, e essa influencia se tem transformado n'um peso esmagador para a nossa expansão nacional. E' um facto visivel a todos que seria absurdo pretender esconder, e para o avaliar, basta attentar na extraordinaria procura de jornaes e livros francezes. Argumentar-nos-hão com o interesse que elles teem, mas esse argumento é contradictorio desde o momento em que tudo quanto de interessante elles

possam apresentar, é depois reproduzido na nossa lingua, quer pela imprensa quer pela livraria. . .

Por tudo isto, a recepção preparada a Mr. Loubet, terá por certo um calor que muitas outras festas a chefes de estado não tiveram, mas não se attribua esse calor á forma de governo que elle representa. Não. Monarchia ou Imperio que a França fosse, rei constitucional ou Cezar que tivesse como seu primeiro magistrado, o acolhimento seria o mesmo. E' que a França é realmente a patria do nosso espirito. E' sobretudo sob um ponto de valor artistico que nós tanto lhe queremos, é pelo bom gosto, pela finura d'este sentimento, muito especialmente, que ella exerce sobre nós a força da sua influencia. . .

E' possivel que os republicanos aproveitem a visita de Mr. Loubet para atroar os ares com vivas que em outra occasião teem de calar,



Madame Loubet

Esposa do Presidente da Republica Franceza

como se os vivas — quaesquer que elles fossem — podessem transformar as instituições politicas de um paiz, é possivel que crivem de applausos a audição da *Marselheza*, trecho de musica inspirada e bonita, que ha muito uma ordem absurda illiminara do repertorio das philarmonicas e dos pianos dos hotequins, mas não se veja geralmente no enthusiasmo d'esses vivas e d'esses applausos, senão o que elle representa. Gritar vivas á republica franceza, é gritar vivas a uma nação amiga que no pleno direito da sua liberdade se rege por instituições republicanas, e cujo chefe vem ser hospede dos reis de Portugal. Nunca pôde ser um grito subversivo. Applaudir a *Marselheza*, é saudar o hymno de uma nação estreitamente ligada á nossa pelos motivos já expostos. Nunca poderiam esses applausos traduzir um protesto, que seria absurdo, desde o momento em que a *Marselheza* não é nem pôde ser um hymno revolucionario. E' o hymno da França, respeitado lá pelos republicanos e pelos monarchicos e até pelos imperialistas, como o nosso hymno real deve ser considerado por todos os portuguezes, sejam quaes forem os seus credos politicos.

Nós não temos — motivado talvez por um demasiado longo periodo de paz, — a noção muito arreigada do patriotismo, mas começamos a ter já a noção do respeito patriótico. Hoje já se sauda, onde ella appareça, a bandeira nacional, e amanhã receber-se-ha o hymno nacional, com o enthusiasmo com que os povos, lá fora, recebem sempre os hymnos officiaes.

Ainda não ha muito tempo alguns portuguezes tiveram como nós ensejo de assistir em Vienna d'Austria a um espectáculo de veras im-

ponente. Serviu-se um sumptuoso banquete na mais magestosa das salas que conhecemos, o salão das festas, na primeira municipalidade



Mr. Mollard
Chefe de protocolo em França

austriaca. Assistiam representantes de quasi todas as nações do mundo, alguns ministros do Imperio, jornalistas austriacos e húngaros,



Mr. Rouvier
Presidente do Conselho e Ministro dos Negocios Estrangeiros

membros de todos os partidos politicos dos dois reinos unidos, imperialistas, socialistas, republicanos, nacionalistas. Pois bem, de repente,

ao levantar-se o presidente da municipalidade para beber á saude do Imperador Francisco José, a orchestra tocou o hymno, e logo toda essa massa compacta de gente acompanhou n'um côro entusiastico a orchestra. Não era a forma das instituções que se preconizava n'esse cantico, era a patria, symbolizada no chefe supremo da nação que não é nem pode ser nunca chefe de um partido ou de uma forma de governo. Lá fóra, os partidos extremos associam-se sempre ás manifestações officiaes porque percebem bem que saudando o chefe do estado, saudam n'elle o santo nome da Patria.

O Presidente da Republica franceza que vem visitar-nos, acompanhado pelo chefe do seu governo e ministro dos negocios estrangeiros, tem hoje perto de 67 annos de idade, 23 annos de mandado legislativo, uns poucos annos de ministro, tres de presidente do senado e quasi sete de chefe de Estado. Está prestes a terminar o seu mandato e não quer ser reeleito.

Simple advogado de provincia galgou por uma estrada direita mas ascendente a distancia que separava o seu humilde berço do Elyseu. Atravessou a fileira de todas as funcções legislativas: conselheiro municipal, *maire*, conselheiro geral, deputado, senador. Membro do parlamento, foi ministro e depois presidente do senado. De segundo magistrado da nação passou a primeiro, tendo subido um por um, todos os degraus da hierarchia politica. E longe de o prejudicar, a modesta origem d'esse filho de um pequeno proprietario camponez foi um titulo a mais para os suffragios dos seus eleitores. Provou que nas democracias modernas todo o bom cidadão tem na algibeira o diploma de governante, como nos tempos guerreiros se dizia ter todo o soldado, na mochilla, o bastão de marechal.



PENSAMENTOS

N'este mundo, só se defende os amigos quando elles não precisam d'essa defeza.

E' pelos seus defeitos tanto como pelas suas qualidades que uma grande raça está predestinada a espalhar-se pelo globo e a dominá-lo.

As grandes ideias não nascem senão no meio de um povo bastante grande para as defender.

Conta-se a toda a gente as nossas alegrias e as nossas desgraças, mas não se confia a pessoa alguma as nossas humilhações.



Soneto

Com o tempo o prado verde reverdece,
Com o tempo cae a folha ao bosque umbroso,
Com o tempo pára o rio caudaloso,
Com o tempo o campo pobre enriquece.

Com o tempo um louro morre, outro florece,
Com o tempo um é sereno, outro invernos,
Com o tempo foge o mal duro e penoso,
Com o tempo torna o bem já quando esquece.

Com o tempo faz mudança a sorte avara,
Com o tempo se aniquilla um grande estado,
Com o tempo torna a ser mais eminente.

Com o tempo tudo anda e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que é passado
Com o tempo se não faz tempo presente.

LUIS DE CANÔES.

Monumentos de Lisboa



Estatua de Luiz de Camões
Ao topo do chiado



Estatua de José Estevão
No largo das Côrtes
Cliehs Benoitel-

Foi a 9 de outubro de 1867 — já lá vão perto de quarenta annos — que se inaugurou o monumento ao grande Epico, cuja apothose se havia de fazer treze annos mais tarde, com uma pompa e um enthusiasmo pouco vulgares no nosso paiz.

O pedestal do monumento é um octogono de 7 metros e 48 centímetros de alto, collocado sobre quatro degraus. Nos angulos d'esse octogono levantam se oito plinths em que estão collocadas outras tantas estatuas, cuja descripção merece bem ser feita. Temos antes de todos a de Fernão Lopes, o primeiro historiador portuguez, que o cinzel de Victor Bastos nos apresenta de meia idade, cabello caído para a testa, saiote até ao joelho, capa, meia e sapato de comprido bico. Na mão direita tem um livro de apontamentos e a esquerda apanha um pouco a capa. Vem depois Jeronymo Corte Real, ainda novo, de cabello annellado, bigode e pera, trajando ao seculo xv: casaco curto, calça larga, bota de cano revirado com grandes fivellas no peito do pé; na mão direita, chapéu de aba larga e grande pluma e a esquerda pousando sobre os copos da espada. Depois, o cosmographo Pedro Nunes, homem de 50 annos, valor intelligente mas severo; saiote curto e uma pequena capa, a mão direita apoiada sobre uma esphera e a esquerda sobre os punhos da espada. E Vasco Mousinho de Quebedo Castello Branco, outro cantor epico dos nossos descobrimentos como Corte Real e Sá de Menezes, rapaz ainda novo, de coleira de folhos, calção golpeado, capa de corte e bota alta golpeada no joelho: a mão direita mettida n'uma bolsa pendente do cinturão e na esquerda um pequeno bonet. E Fernão Lopes de Cantanhede, outro historiador, de phisionomia martyrisada, e vestuario modesto, embuçado n'uma simples capa que deixa ver o calção golpeado e o sapato de laço. E Gomes Eannes de Azurara, mais outro historiador illustre das nossas conquistas de navegadores, mancebo de cabello comprido, bigode e pera, saiote apertado por um cinturão com uma volta onde está presa a espada. Na mão esquerda a cruz de Christo que traz pendente ao pescoço: a direita segura um pouco a capa. A estatua de Francisco Sá de Menezes representa o illustre poeta quando aborrecido do mundo e mortificado por desgostos intimos, cansado da vida, e chorando a perda da mulher, se dispõe a entrar no convento de S. Domingos. Tem o ar triste, o valor amortecido, a barba crescida e o cabelo em desalinho; o fado modesto; na mão direita um breviario e umas contas, na esquerda o habito. Por fim, João de Barros na epoca da sua prosperidade litteraria, de barba crescida, calvo, ar pensador e bondoso, vestindo gibão por cima do fado, com mangas de rufo, calção e sapato. Tem na mão direita um pouco de papel e um lapis, na esquerda e aos pés alguns livros.

Todas estas oito figuras circundam o monumento, no topo do qual se ergue em bronze a estatua do grande epico, a qual mede 4 metros de altura. Victor Bastos apresenta o grande poeta com 50 annos, phisionomia expressiva e nobre, a cabeça coroada de louros. Traja á corte, a capa cae elegantemente sobre uma couraça

e sobre alguns livros que estão a seus pés. Este detalhe relembra a um tempo as façanhas epicas do soldado, e o talento grande do epico, ou antes como elle dizia:

Para servir-vos, braço ás armas feito,
Para cantar-vos, mente ás musas dada.

E' elegante a posição em que o esculptor nacional collocou o poeta: cabeça erguida, braço direito estendido e a mão apertando a espada núa, a esquerda apertando contra o peito os *Lusadas*, o livro querido que lhe deu a celebridade, o poema grandioso das façanhas e das glorias portuguezas.

E' sem duvida este monumento um dos mais artisticos da capital, e no qual se revela mais e melhor a arte e a illustração do seu auctor que o rei D. Luiz, no dia da inauguração agradeceu com o officialato de S. Thiago, de merito scientifico, litterario e artistico, ordem de que o fallecido monarcha era bastante avaro. Mais significação tem por isso essa mercê.

Camões foi tão grande que ainda hoje substancia em si tudo quanto de bom, de santo, de generoso existe no coração de todos os patriotas para com o paiz que lhe foi berço. O seu nome evoca a historia antiga como hoje o invocam a gerações novas. E ainda não ha muito tempo, quando o paiz se levantou indignado contra uma affronta lançada por uma nação amiga, era ainda aos pés de Camões que elle ia ajoelhar e pedir vingança, como se não estivesse já paralyçada aquella espada e inanimado aquelle estro! Alguns mais exaltados lembraram-se de lhe cobrir de crepes a estatua, sem se lembrarem de que nunca poz luto diante do inimigo, o poeta que tão alto soube levantar na sua inspiração o nome glorioso de Portugal. Vingaria a affronta, mas não se vestiu nunca de preto a chorar a sua desgraça. Isso é bom para os fracos e elle era um forte!

Em 1878 e a 4 de maio, inaugurou-se o monumento ao grande orador José Estevão Coelho de Magalhães, em frente do edificio das côrtes, cujas salas foram o palco das suas façanhas parlamentares e dos seus triumphos tribunicios. E' ainda ao cinzel de Victor Bastos que se deve esse monumento composto de um singelo pedestal de cerca de tres metros de alto, pedestal em que assenta a estatua. José Estevão *tout court*, como elle era mais conhecido, está de pé, em attitude de quem vae falar. Adivinha-se-lhe no olhar, no gesto, nas suas linhas elegantes e correctas a força com que elle dominava o auditorio com a sua palavra flamejante de paixão. E' um monumento simples mas na sua propria simplicidade tem um duplo valor artistico e historico, porque representa a ultima obra de um grande esculptor e o pagamento de uma divida da nação para com a memoria do extraordinario tribuno.

Memorias de um fura-vidas

Mais um livro de Alfredo Mesquita, o velho collaborador do *Brasil-Portugal*, sempre o mesmo espirito alegre e vivo, sempre o mesmo estylo espontaneo e facil sem artificios, nem banalidades de periodos bombasticos e ócos. E' muito sua aquella maneira de contar, de dizer, de descrever e de insinuar uma ironia que fere sem magoar e faz rir sem recorrer a *trucs* estudados. Muita simpleza no expôr, muita analyse na critica desataviada de pedantescas pretensões, muita alegria sadia na observação das coisas — taes são as qualidades salientes d'esta penna fluente que não copia dos outros e que muitos desejariam possuir.

Do *fura-vidas* arrancamos o *prólogo* e pomol-o delicadamente n'esta pagina, mesmo sem venia do seu auctor:

Quanta gente conhecida tem morrido nestes ultimos tempos! Morreu o Beldemonio, morreu o Urbano de Castro, morreu o José Isidoro...

José Isidoro não era bem um «conhecido». Era antes um ignorado. Mas era um conhecido meu. Poderia ter tido uma bella nomeada, e só teve, afinal, um triste destino.

Costumava estar, ás tardes, encostado á porta de uma loja pequenina do Rocio, que só vende flores e agua, ao lado da botica dos Azevedos. Era um rapaz de trinta annos, alto, encorpado, muito loiro, muito córado, com um ligeiro buço de pontas eriçadas, sempre bem vestido e sempre com

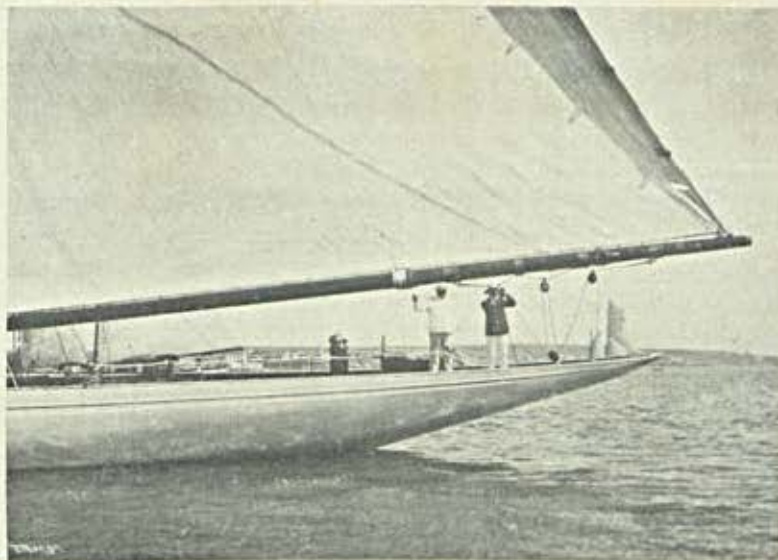


As regatas em Cascaes

O palhabote «Maris Stella», de El-Rei, em bolina folgada. — Vencedor na corrida de palhabotes

a sua bonita flor ao peito, janota, mas janota sóbrio, de gravatas escuras. As mulheres reparavam muito n'elle, quando passavam para a Avenida; e quando voltavam, ainda de longe, reparavam outra vez, a vêr se elle ainda lá estava.

Era uma destas criaturas que não reservam surpresas a quem uma vez se defrontou com ellas. A' primeira vista, ás primeiras palavras, descobriam-se-lhe as qualidades altas e distinctas. Na intimidade, reunia todas essas variadas fórmulas que a virtude attinge pela expressão popular, quando se diz de alguém «que tem o coração ao pé da boca». A sua morte espalhou um vasto e profundo sentimento de pesar nos corações que o amavam. Sobre José Isidoro, quem tal diria! Parecia vender saude. Era dos Açores, e Bru-



As regatas em Cascaes

A bordo do palhabote «Maris Stella». — El-Rei e o seu ajudante Pinto Basto

ges, da familia illustre dos Bruges. Tinha vindo muito novo para o Continente, em companhia d'uma tia viuva, abastada e sem filhos, que o tomára á sua conta para o educar, poupando os paes d'elle a esse encargo pesado, pois ainda lhe ficavam nove (tres rapazes e seis meninas) com que se entreter, e com que gastar os sobejos d'uma grande fortuna mal administrada.

Aquí estudara e fizera, sem desmandos, o seu curso de commercio, e aquí se lhe desenvolvera uma paixão por leituras, que trouxera incubada, da Ilha.

Coisa muito singular, porém, do seu modo de ser tão harmonioso e tão corrente em tudo o mais: elle que tanto amava as Letras, não podia tolerar os Literatos! Frequentes vezes tentei pô-lo em contacto com alguns dos seus auctores dilectos: nunca foi possível.

Uma vez, em Paris, encontrámos Eça de Queiroz, e eu apresentei:

— «O meu amigo José Isidoro... O senhor Eça de Queiroz...»

— «Muito prazer...» disse José Isidoro, pallidamente, entre dentes. Mas logo, aclarando a voz, e seguro do seu effeito, fixando muito a marcara exquisita do romancista: «... Vossa excellencia é tambem português — ou brasileiro?»

Eu teria desejado que o chão se abrisse, e me engulissem n'esse instante. Eça de Queiroz sorriu, complacente, sem sombra de despeito, mas bem longe de suspeitar a enormidade de semelhante mystificação. E disse:

— «Sou tambem português.»

José Isidoro sabia de cór paginas inteiras do *Mandarin*, e paginas inteiras da *Reliquia*. Mas era assim.

Elle explicava e justificava essa grande ratice, dizendo que se disposera a não perder nem mais uma das illusões que lhe restavam. Perdera muitas, e sentia que lhe fuziam uma immensa falta. A illusão, dizia elle, é o mais avultado elemento da felicidade. E então criava e adoptava preceitos que pudessem assegurar-lhe essa felicidade. Ao conjunto d'esses preceitos José Isidoro chamava — a hygiene da Illu-



Cilichê de Benoliel

«Maris Stella»

As regatas em Cascaes

«Dinorah»

«Elixa»

são ou profilaxia do Desconsolo, o que vinha a dar no mesmo.

Por isso, e a todo transe, elle se esquivava ao convívio íntimo dos homens de letras, dos tribunos, e dos médicos. Acreditava muito nas influencias benéficas do espirito, da palavra e da droga, sobre os espiritos desprevenidos. Pensava que a acção de todas as propagandas poderia ser sempre uma salutar acção, se ninguém conhecesse os precedentes e os intuitos dos propagandistas. Toda a propaganda revestia, aos seus olhos, uma seductora forma; o insuccesso de muitas propagandas, o facto de muitas d'ellas se tornarem contraproducentes, provinha de não encontrarem já na alma das multidões aquelle preparo de primitiva ingenuidade, que foi o segredo das religiões eternas.

A obra de Jesus — dizia José Isidoro — teria sido uma coisa fugaz e circumscripção á caturreira dos seus doze Apóstolos, se algum calumniador do tempo se tivesse lembrado de afirmar, simplesmente, que o encontro de Jesus com a Sa-



Vindimas. — Na apanha da uva

maritana, n'aquelle recanto de estrada onde havia o poço de Jacob, não fora um encontro de acaso, como se diz na Biblia, mas um *rendez-vous* previamente e discretamente combinado e fixado, para fins que nada tinham que ver com o velho culto do Garizim...

A Revolução franceza — dizia elle — nunca se teria feito, se no meio de uma das tremendas invectivas de Mirabeau, alguém tivesse levantado a voz para o accusar de corrupção, como depois, um dia, o accusaram aquelles que o quizeram expulsar do Pantheon.

Finalmente — dizia José Isidoro — se os doentes que creem na efficacia dos remedios homeopathicos pudessem suspeitar que o Doutor Rebello da Silva, o homeopatha, sentindo-se uma tarde incommodado, mandára chamar á pressa o Doutor Pitta, alopatha, nunca mais haveria uma cura a registar nos opulentos annaes da nossa Homeopathia.

Tinha pontos de vista muito originaes, e era sufficientemente teimoso para converter esses pontos de vista em formulas de opinião, que poderia ter defendido e que poderia ter feito vingar. Com um pouco de methodo coordenador, e um pouco de cuidada forma litteraria, elle teria deixado, talvez, um saboroso espolio intellectual.

Quando se soffre de amor — dizia — o unico allivio consiste em falar do nosso mal. O mal agrava-se, exaspera-se; mas como é o mais estranho de todos os males, quanto mais d'elle se soffre, mais conforto se tira do proprio soffrimento. E' escusado procurar outro remedio. Não ha. Quem uma vez d'elle soffreu, e depois deixou de soffrer, não se curou — mor-

reu. Morreu para o amor. Muitas vezes acontece que aquillo que se suppõe ser o amor, não é senão uma illusão do amor. E n'estes casos, tendo-se soffrido, e tendo-se deixado de soffrer, a morte é apenas apparente. Dorme-se. A maior de todas as concepções da arte foi a que symbolizou o Amor n'uma criança, e d'essa criança fez um deus. E a mais alta, a mais bella expressão da ideia de Liberdade foi a que se encontrou admitindo na adoração d'esse deus a inteira liberdade de cultos. Symbolisar o Amor n'uma criança, e tornar essa criança eterna, é ter encontrado a definição do sentimento indefinível. Criança é a primeira forma humana, integral, da natureza pura, bella e livre. Eternisar n'esta primeira forma a pureza, a belleza, e a liberdade com que a vida irrompe, triumphante, do nada, é definir o amor...

Assim lançava elle, ousadamente, os seus paradoxos e os seus sofismas, como um cimento forte, nos interstícios das verdades humanas.

Mas na graça, na boa graça, na graça que vai buscar aos rodeios da troça e da pilheria a chispa luminosa do conceito, é que elle se achava, e devéras se sentia, como se costuma dizer, nas suas sete quintas. Quasi sempre sob a forma fugaz da anecdotinha, ou no artificio de um trocadilho, que se desfechava em mil sentidos como a exquisitice risinha de algum fogo chinês, o seu espirito tinha encantos, cuja recordação mais aviva ainda, n'este momento, e entre aquelles que foram da intimidade d'esse espirito, a saudade d'elle.

Vivia dentro da blague como vive o peixe dentro d'agua. Fazer blague é facil — explicava. Basta simular um certo desprezo por tudo quanto os outros tenham convencionado acatar, venerar, exaltar, e ter o desplante necessario para tornar esse desprezo legitimo. Mas convindo prevenir, por alguma parcimonia no uso d'este desplante, o perigo de que elle não é isempto. E' a blague um acido mordente, que dissolve tudo quanto toca; e não pouco acontece a quem o emprega ter de soffrer-lhe a acção nefasta. Porque a blague dá aos espiritos o habito mau de tudo falsear — o bom e o pessimo, o justo e o iniquo. Fazemos blague de tudo, que tudo a ella se presta: fazemos blague da Patria, fazemos blague do Amor, fazemos blague da Esthetica. Mas guardando sempre a dóse bastante de enthusiasmo, ou a porção de sinceridade ingenua, que n'um dado momento possam de nós solicitar a Esthetica, o Amor, a Patria... Pois não o vi eu, a esse *blagueur* sem emenda, ir empenhar a guitarra n'um dia de penuria para ajudar a Patria a munir-se de armas contra a Inglaterra?

Era um grande trocista; mas a sua troça era a menos offensiva, a menos impertinente, a mais amavel por isso. Era a troça facil, espontanea, de momento, sem o tom sibilino, nem o gesto acre, nem a cor esverdeada da troça de mau humor, que busca de preferencia pretextos de rixa-velha. Ha trocistas tão identificados com alguns dos pretextos da sua troça, que por fim a gente se habitua a vê-los sempre juntos, e acaba por moquejar de ambos, indistinctamente. São criaturas que cultivam o odio, a quisilia e o despeito, com o cuidado de quem cultiva begonias n'uma estufa; criaturas que em cada triumpho alheio descortinam um ataque á sua propria pessoa e ao seu proprio merito; criaturas que, envaidecidas, como o pavão, pela plumagem rutilante de que se consideram revestidas, não podem ver, nem querem ver brilhar pennas alheias.

José Isidoro não era assim. A sua má lingua, que a tinha, e poderosa, exercia-se legitimamente, no pleno direito e na plena liberdade da critica imparcial, honesta, e *sans rancune*. Ninguém dirá com verdade que da sua bôca alguma

vez saiu uma calúnia, ou escorren o fio de uma infamia. Cada uma das suas piadas era um articulado integro; cada uma das suas troças um *verdictum* sem appellação. Perante a justiça da sua critica, os homens e os factos eram julgados em simples processo de policia correccional, sem mais libellos nem contrariedades, sem mais replicas nem embargos.

No fundo, lá muito no fundo, era tímido. Assustavam-no as inimidades; e como soubesse que o talento é uma insolencia que sempre se expia pelos odios surdos e pelas calumnias verminosas, não quizera nunca affectar o melindre dos mediocres do seu tempo.

E assim morreu ignorado, d'um anthraz.

José Isidoro tinha o espirito volúvel, soffreado por um temperamento molle. Foi um aventureiro pacato. Não podia parar em ramo verde. Não poudé nunca encarrear na vida. Pedra que muito rola não cria musgo — dizia elle. E era elle, precisamente, a pedra que muito rolava. Teve mil empregos, experimentou todos os ensejos de variar a existencia, não se acomodou em nenhuma situação definitiva. Foi burocrata, metteu-se no commercio, esteve no Brasil, tentou a politica, deu lições de guitarra, andou em jornaes, fez-se actor e em-



Vindimas. — Transportando a uva

prezario, teve um collegio — e não sei que mais. E viajou. Viajou muito. Gostava muito de viajar.

Conheci-o nos jornaes. Era uma aptidão decidida para o jornalismo. Muitos dos seus artigos, sempre anonymos, tiveram o exito de ser attribuidos a outros de nomeada. Elle sorria, e deixava; nunca promovia a reivindicacão d'esse exito. Sem ambição e sem vaidade, o simples facto do engano publico bastava para contenta-lo. Enclhia um jornal de cabo a rabo, desde o artigo de fundo que versasse sobre caso politico, religião ou arte, até á mais circunstanciada noticia d'algum efemero caso de *reportage*.

O folhetim, a chronica, o *suelto*, eram-lhe familiares. Algumas novellas fez. E a anecdota, por elle contada, revivia uma vida d'outro tempo, do tempo em que a arte de contar a anecdota era ainda uma arte...

Muitas vezes e muito teimei com elle para que juntasse n'um livro as coisas dispersas do seu bom humor. Havia de ser um livro desconnexo, um livro sem principio nem fim, baralhado e fugaz, sem rumo certo e ao Deus dará — á maneira da propria vida d'elle. E eu lhe garantia que havia de

ser um livro curioso. Promettia-me sempre que sim — e nunca o fez. Apenas um dia me disse:

— «Olha, sabes? Já não falta tudo para o livro... Tenho o titulo...»

— «E que titulo?»

— «*Memorias de um fura-vidas!*»

Achei bom. Elle depois adoeceu, e morreu. Já não faltava tudo em verdade. Mas faltava o resto. Recolhi então, conforme pude, das muitas coisas que sabia serem d'elle, aquellas que juntei n'este volume.

Memorias são, afinal.

ALFREDO MESQUITA.



Conde de Tarouca

Camarista de S. M. El-Rei D. Carlos,
nomeado para ficar ás ordens do Presidente da Republica Francesa
durante a sua estada em Lisboa

O porto de Lisboa

O *Porto de Lisboa*, beliscado nos seus brios pelas inexactidões que o grande jornal *La Nacion*, de Buenos Ayres, publicou a proposito das carreiras de navegação argentinas, pede-nos a publicação da carta aberta que abaixo publicamos.

E' só mandar, porto illustre. Para ti está sempre aberto este marco postal.

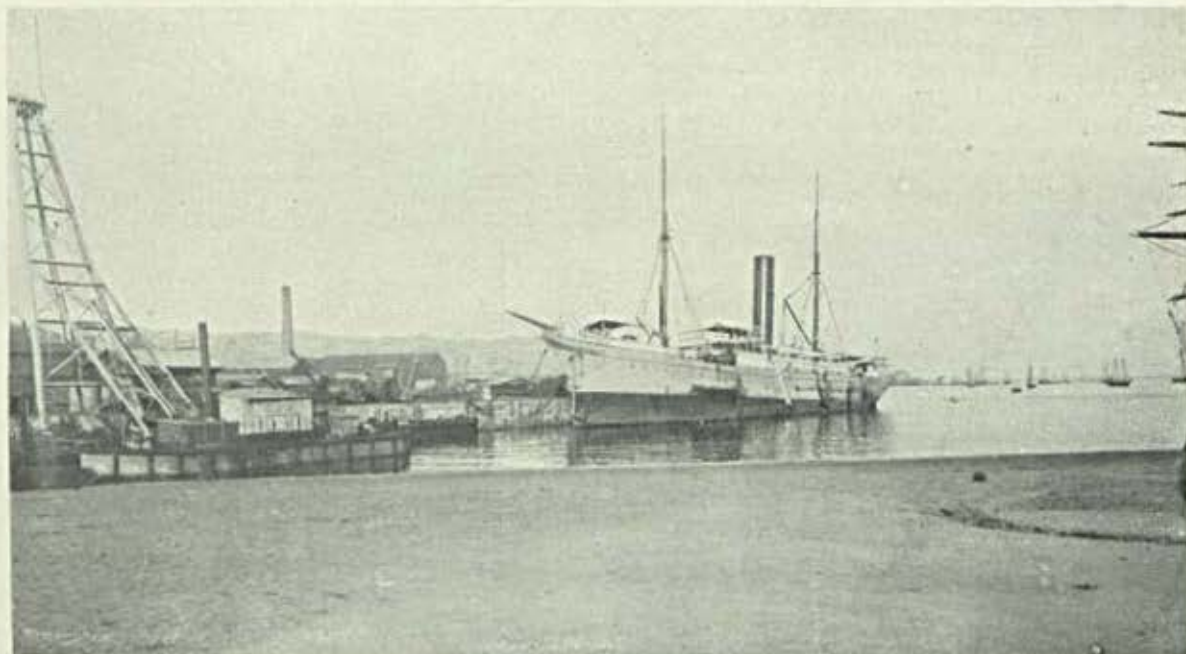
Nacion amiga.

Deante dos meus olhos a tua bella prosa de 27 de agosto. Respondo-te um nadinha magoado. E's injusta, minha cara. Manda os teus transatlanticos para Vigo, mas não te faças echo dos informes interesseiro-patrioticos do sr. D. Martin Echegaray, que, para che-

temporaes, erigido de rochedos, e sem abrigo para as ventanias do largo: mar que se agita de leve afugenta para longe os marinheiros mais ousados.

Consulta uma carta, *Nacion* amiga, ou agarra n'um prumo, confronta situações e verifica profundidades, e terás a verdade dos factos que te aponto e me justificam. Tu e D. Echegaray caluniam-me: eu defendo-me e não deixo o meu credito mal parado por mãos alheias.

Res non verba. Para que te não restem duvidas vou mandar-te pelo *Brasil Portugal*, que me abriu as suas portas, uma planta de mim mesmo — porto de Lisboa — planta vasta que abrange toda a margem direita do Tejo e onde ha mais de quinze annos começaram obras collossaes que a transformaram por completo. N'ella encontrarás, n'um percurso de legua e pico, muralhas valentes, docas para navios de alto bordo, docas para embarcações miudas, guindastes, apparatus para descargas, facilidades de transportes, pontes levadiças, armazens de resguardo, meios de comunicação com a rede



Cliché Beaulieu.

O grande guindaste. — Caes acostavel

gar a braza á sua sardinha, me desacredita. Que elle, que terá nas veias gotas andaluzas, exaggera sem dar por tal, o que lhe estará na tradição da raça, vá. Mas que tu mostres um diploma de ignorancia por conta alheia, é triste.

Olha que eu sirvo de berço ha seculos ao Tejo de prata, este Tejo que nasceu pequenino nas montanhas hespanholas e que, para se fazer robusto e grande e impetuoso e galante, foi necessario entrar em Portugal, antes de se lançar no mar largo por um grande boqueirão rasgado ao poente, cavado entre ribas suaves, em que os olhos dos verdadeiros artistas pasmam enlevados.

Eu dei-lhe asylo. Elle fez de mim uma personagem de peso no convivio do commercio e nas relações com os povos do mundo novo. No tempo das navegações arrojadas, de que terás ouvido falar, quando as náus e as caravellas se iam em demanda de aventuras e de continentes, os pilotos largavam as velas, e, descuidados, deixavam-se arrastar ao sabor do vento, ou da corrente, barra em fóra, e nunca pensaram n'um baixio que os detivesse, n'um nevoeiro que lhes toldasse os céus. E na volta d'essas longas, arriscadas viagens, se adregavam de chegar de noite ás costas lusitanas, de noite se metiam barra dentro, alegres, cantando, sem medo aos baixios e aos nevoeiros phantasiados pelo sr. D. Echegaray.

Tal exemplo de confiança nas condições de segurança do meu Tejo deram-o esses pilotos aos modernos nautas que hoje timonejam os navios de grande calado que navegam para ahi. Pergunta a esses commandantes quantas vezes entraram no meu seio altas horas em noites de estio, e em noites geladas de inverno, sem pratico a dirigit-os.

Aqui não ha nevoeiros, e quando apparecem não se limitam á região da barra: estendem-se por toda a costa do Norte e vão visitar Vigo, que não tem patente de invenção para ser excluído da visita. A facilidade de entrada aqui é tão completa que não ha memoria de um naufragio na barra, que a bahia de Cascaes, vasta sala de espera, protege, o que não succede ao meu collega Vigo, exposto a todos os

ferro-viaria, largos espaços para depositos, e todos os melhoramentos que me tornaram o primeiro entre os melhores portos europeus, incluindo o de Constantinopla.

Por esse plano verás o que são os meus caes acostaveis, a que podem atracar e atracam já navios de alto bordo, de grande calado, sem receio ás iras do Tejo e dos temporaes, com 8 braças de funlo na baixa mar de aguas vivas e em que as dragas já nada teem que fazer. Os paquetes das carreiras allemãs, os grandes barcos das Messageries, os vapores das carreiras africanas acostam e as baldeações fazem-se rapidamente e as tripulações e os passageiros saltam a pé enxuto.



Cliché Lâms.

No caes do Sodrê



Doca de abrigo para barcos pequenos

E depois de bem estudares a minha planta, illustrada *Nacion*, depois de veres de perto a faina que por aqui vae n'estes trabalhos que duram ha annos e em que tantos milhões vão já enterrados, volta a tua attenção para as maravilhas sonhadas de Vigo, esse porto feerico das mil e uma noites, por fora um amontoado de rochas vulcanicas, por dentro um corredor, onde não ha caes acostaveis. O meu pobre collega terá, no decorrer dos seculos, tudo isso que eu já tenho e a que só falta, para coroar a obra, derruir o Lazareto, mandar bugiar a exigencia dos passaportes e tornar obrigatoria a acostagem dos navios.

Ora o Lazareto está moribundo e soltará o ultimo suspiro com o expirar d'este anno da graça e com o primeiro vagido do *posto de desinfeção*. A mortalha dos passaportes está sendo talhada a toda a pressa.

E a acostagem não tardará a ser pedida até pelos grandes bastimentos que o teu encantador paiz argentino tenciona mandar visitar-me, *só de passagem*, logo que vejam as facilidades que se lhes pro-



No caes do Sodré

porcionam n'esta enseada de que a natureza fez primeira *étape* para os que chegam, e de que o meu paiz, agora desperto, fará uma *passerelle* para a Europa central. E' inevitavel. E não o pediremos como quem mendiga uma esmola. Ha-de ser, tem de ser, ao menos pela minha situação geographica, que se impõe, pela barateza que ha-de haver nas operações de descargas, pelos meios de comunicação que se completarão com o interior por accordos e melhorias nos caminhos de ferro combinados, e pelas commodidades e meios de transporte entre as muralhas da margem e o coração da cidade a dois passos.

E com esta me despeço, querida *Nacion*, e te peço que não tomes a mal este desafogar de maguas de um velho remoçado, que encanecou a ouvir as canções repassadas de melancolia de tantos navegadores, e que apesar de velho saberá ainda dignamente fazer-te as honras da casa á antiga portugueza, quando um dia, breve, lhe deres a honra de uma visita.

Paz e concordia e abur.

Teu admirador que te *besa las manos*
PORTO DE LISBOA.

O jogo em Monte Carlo

O jogo que em Monte Carlo é livre para todo o mundo, é absolutamente prohibido a qualquer cidadão, do littoral, por mais rico que seja, por mais vicioso que queira ser. Podem arruinar-se lá todos os que pagam impostos em França ou no estrangeiro. Os que não pagam nada, tambem não têm direito a jogar.

Monaco é lindissimo. A situação em que está collocado, abriga-o completamente dos ventos do norte, de maneira, que a sua temperatura de inverno é igual á de verão, não do verão de Lisboa por vezes tropical, mas do verão do norte. Ao respirar-se aquella deliciosa atmospheria temperada, em dias de janeiro, em pleno inverno, chega a gente a imaginar que até a Natureza se vendeu á tal companhia poderosa que para comprar tudo até comprou... o silencio da *reportage* europeia. Depois lhes explicarei.

Monaco, diz muito bem um livro *reclame* que se dá em Monte Carlo ao visitante — é a primavera perpetua. Monte Carlo olha-o orgulhoso, lá do alto da montanha. Os jardins que o rodeiam são verdadeiramente poeticos. Tratados a primor, deixam admirar as mais bellas plantas. Erguem-se de entre elles as palmeiras, os aloes, os cactus, as camelias, — sobretudo as camelias que dão ao parque uma nota alegre e viva — as tangerinas, n'uma palavra toda a flora d'Africa. E' dentro d'este parque e em torno d'elle que se levantam os edificios, dominando todos *O Casino*, obra extraordinaria de architectura moderna em pedra, cuja elegancia e sumptuosidade fariam só por si a reputação de Garnier, o auctor da Grande Opera de Paris.

Quando o *touriste* se apela do comboio em Monte-Carlo, sobe a longa escadaria que vae ter ao terraço do Casino, e encontra logo em cada uma das faces lateraes do edificio, duas estatuas de pedra de magnifica composição. Uma d'ellas é de Sarah Bernhardt — a estatua da arte dramatica. Chegando á porta do Casino, espalha a vista pelo parque e n'um minuto percebe que o sitio onde se encontra é diferente de tudo que tem visto e que tem admirado, por maior e mais variado que seja o seu repertorio de viajante. Monte Carlo é unico, porque não tem rival no seu genero... felizmente para os jogadores.

Não lhes farei a descripção artistica d'esse edificio; apenas direi a traços largos as curiosidades que elle encerra. Para contar minuciosamente todas as obras d'arte que lá dentro admirei, teria de me demorar uma semana, e oito dias em Monte Carlo para quem nem sequer joga o *monte* no seu paiz, é muito. De resto, não são essas bellezas artisticas que levam lá diariamente milhares de pessoas, de todos os pontos, não só da Europa, mas do mundo inteiro. E' o jogo, a grande vida, o prazer, a ambição, o commercio até, tudo menos os deliciosos frescos que cobrem o tecto da galeria e das salas, as esplendidas estatuas de bronze que se erguem altivas nos seus pedestaes altissimos, as celebridades artisticas mais em voga que passam repentinamente pelo palco do Casino, tudo o que afinal prende a attenção do mundo civilizado, nas grandes capitães e até nas pequeninas villas. Em Monte Carlo, a diversidade de mundos que lá se encontram, forma um mundo apenas, muito especial e deveras interessante, que poderei denominar — a sociedade do Monte Carlo.

Essa sociedade não tem patria — é cosmopolita. E' ingleza, é belga, é suissa; mas tambem é americana, é dinamarqueza como é hespanhola, é russa pelo mesmo motivo que é turca; os allemães acotovellam-se com os francezes sem que conheçam fronteiras entre si, a não ser as fronteiras que na roleta separam os numeros; e se procurar bem entre aquelles milhares de pessoas, de todos os feitios e de todos os generos — até o neutro! — não será muito difficil perceber que ella é portugueza tambem e se puzer o ouvido á escuta perceberá logo que é igualmente brasileira.

De tudo alli se encontra n'aquellas tres salas enormes em que se jogam fortunas proprias e fortunas dos outros, em que ninguem

pensa senão no dinheiro, e em que se conversa muito pouco e se raciocina ainda menos.

O casino, logo á entrada, dá-nos a idéa de um banco ou de uma repartição, onde para se obter o desconto de uma letra ou a lega-

REGATA EM PAÇO D'ARCOS

em 8-10-905



Chegada á balisa

lisação de um documento, seja necessario seguir uns certos tramites. All, n'esse grande armazem do Prazer — chamar lhe-hei assim — a primeira cousa que se faz é entrar n'um escriptorio da companhia exploradora, tal qual como para entrar n'um comboto é necessario ir ao guichet comprar bilhete ou para entrar n'um salão de theatro, buscar uma senha ao camaroteiro. N'esse escriptorio apresenta-se um bilhete de visita ou dá-se o nome. Diz-se a profissão e a naturalidade. A idade não perguntam porque muitas vezes seria indiscrição, e em Monte Carlo é-se discreto, tão discreto que nunca ninguem leu n'um jornal francez um detalhe do que se faz dentro do Casino. Preenchidas essas formalidades, o empregado depois de fiscalisar tanto quanto pôde as nossas afirmações, escreve o nosso nome n'um bilhete que tem invariavelmente estes dizeres: *Cercle des Etrangers de Monaco — Carte d'admission — Personelle, valable pour un j-ur...*

Este bilhete tem impressos o dia, o mez e o anno; e o numero e a côr d'elle variam. Portanto todos os dias o jogador ou o simples observador — como eu — tem de entrar no escriptorio a reclamar a sua entrada.

Ha uma differença no emtanto entre essa formalidade e as que



As vencedoras. — D. Maria Henriqueta Talone, D. Andrea Figueiredo, D. Daisy Vakley e D. Mary Mac Gregor, tripulantes do escafer «Lucinda» que ganhou o premio na corrida de remos

se exigem nos theatros, nos bancos ou nas lojas — é que esta é de graça. Faz-se para impedir as pessoas da terra de entrar lá. Se não fosse isso, nem bilhete era preciso, porque os concertos, as representações, os tiros aos pombos, os jornaes de todo o mundo,

os livros mais curiosos e até os copos de agua são dados de presente a toda a humanidade que se lembra de ir a Monaco.

Mas quem paga tudo isso, perguntará o leitor admirado?

Paga a companhia exploradora. Paga tudo isto e muito mais cousas ainda com a receita do jogo. E depois de feitas essas despesas colossaes, porque não é com milhares de francos mas com milhões que se obtém uma orchestra composta de cem professores distinctissimos que nos encantam os ouvidos com as produções classicas dos grandes *maestros*, que se organisam espectaculos onde brilham cantores como Sombich e Devoyod, ou artistas como Judic, Chaumont, Dupuis; que se sustenta uma quantidade enorme de empregados, escreventes e *otheiros*, continuos e vigias, pagadores, guardas livros, archivistas, eu sei; que se dá uma dotação a um principe, e se não lança impostos ao povo; não é com milhares de francos mas com muitos milhões e tantos, que pago tudo, o lucro da sociedade regula por anno entre 3:500 a 4.000 contos! Uma bagatella!

Quando visitei Monte Carlo havia dois concertos, regidos por Arthur Sheek. Da orchestra fazia parte como harpista a nossa conhecida Esmeralda Cervantes que esteve em Lisboa, e de entre todos os violinos mais ou menos distinctos que n'ella figuravam, havia um, rapaz ainda, um pouco calvo, que tinha uma historia muito curiosa na sua vida e na qual em Monaco se falava bastante.

N'umas das villas mais sumptuosas do principado, habitava uma ingleza excessivamente magra, já idosa, mas ainda muito elegante apesar dos seus sessenta annos. Quando ella entrava no Casino, fazia sempre sensação pelo primor e pela riqueza do vestuario. Era millionaria e tinha filhas. Cs seus milhões, ou talvez ainda a sua elegancia, formava-lhe um grupo de adoradores que desagradavam sobremaneira ao pobre rabequista. Este não podia ter ciúmes da mocidade d'ella, contentava-se em os ter da velhice. Um



Um grupo de vencedoras e vencidas

dia ou uma noite em que a ingleza sexagenaria dispensou mais um sorriso a alguns dos do grupo, o rabequista furioso exprobrou-lhe esse procedimento. Milady zangou-se, atirou-lhe com 200 mil francos e mandou-o passeiar.

Elle foi... depois de ter apanhado o dinheiro.

Como esta, mil outras historias escandalosas se contam, apontando para as mulheres elegantes que passam, para os velhos que jogam e para os rapazes que passeiam.

JOÃO COSTA



Não sei o que tenho, apenas
Atraz dos teus olhos córro...
Se os vejo, morro de penas,
Se os não vejo, em penas morro!

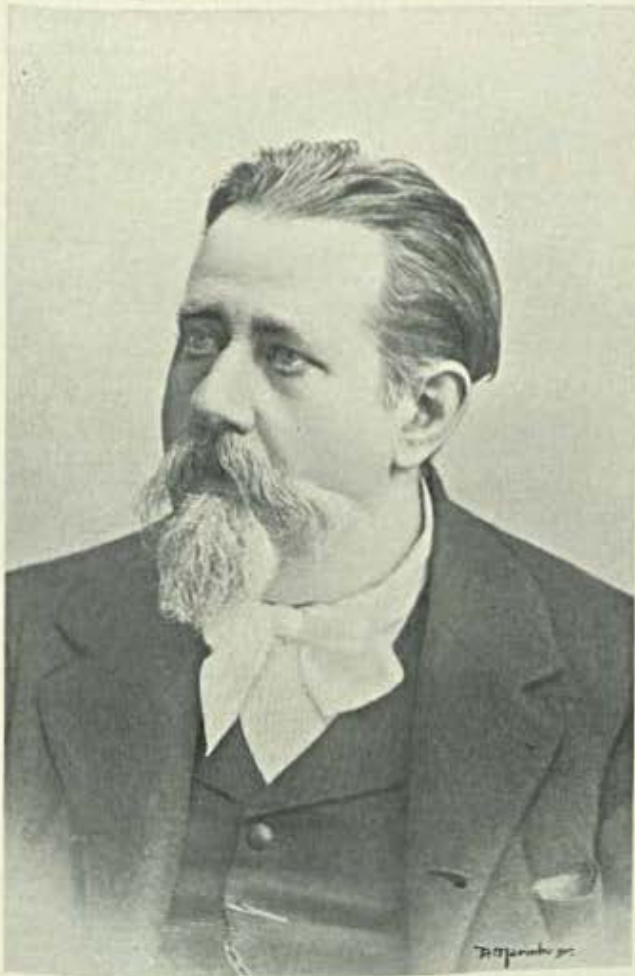
Ainda bem que o mez amor
Anda nas águas do Mar!
Prantos que eu choro, de dôr,
O rio lh'os vae levar...

Se quem mais sente, mais ha de
Ter saudades do seu bem,
Um coração sem saudade
É como um filho sem mãe!

RIBEIRO DE CARVALHO.

D. Thomaz de Mello

A MORTE de D. Thomaz de Mello fez desaparecer uma das mais interessantes e das mais sympathicas figuras da Lisboa d'essa época incomparavel, em que o conde de Farrobo abria os seus salões das Laranjeiras á nobreza elegante, em que o conde de Vimioso, o Cazuza e D. João de Menezes faziam estalar delirantes applausos das trincheiras nas toiradas de fidalgos no Campo de Sant'Anna, em que o Marquez de Niza raptava a franceza da phoca ou perdia quarenta e contos de réis n'uma partida de jogo em casa do Fididé, em que a omnicracia da plateia de S. Carlos glorificava a garganta argentina da Alboni, as pernas torneadas da Fleury ou a ligeireza tele-



D. Thomaz de Mello
† em 7-10-905

Lembra-nos agora uma curiosa chronica dos tempos passados, que dedicou a *Augusto José*, e que, sob o pseudonymo de *Violante de Miramar*, publicou nas *Novidades* de 1893, a qual chronica fez suar o topete a D. Luiz da Camara Leme, que em vão pretendeu descobrir o auctor. A obra de D. Thomaz de Mello refuga o pessimismo sombrio, a melancholia azeda, a misanthropia sorumbatica. Faz vagamente lembrar esses globos de crystal, que apresentam novos reflexos, á medida que se fazem espelhar. O estylo fluente, mas sempre elegante, de D. Thomaz de Mello deriva como um rio sereno, que vae falcando ao sol, despedindo scintillações como se estivesse crivado de um infinito numero de minusculas frechas de ouro, mas que nos arrasta, sem darmos por isso, nos arripios da veia de agua. O chiste picante, a pilheria, a graça com uma pontinha de malicia, muito leveira, surgem a cada momento, mal nos precatamos. Elle tinha o sorriso, mas o sorriso franco, aberto, o sorriso que palpita como borboleta luminosa sobre o cravo em flor. Os seus esboços, de colorido vivaz, são executados a pinceladas vigorosas de pintor realista; os seus paineis, de cores alegres, mostram perfeitamente que a palêta jámais desbotou, jámais perdeu uma só das suas tintas.

Se não escrevia com punhos de rendas, bofes encanudados e cabelleira, como Buffon no castello de Montbard, fazia pelo menos como Balzac, o qual, segundo o depoimento de Theophile Gautier, calçava luvas côr de canario ou *gris perle* em seguida a ter feito a copia. E depois, D. Thomaz de Mello tinha uma prenda, que se vae tornando rara em escriptores portuguezes — a de escrever em portuguez. Via-se bem que fôra educado na escola de Castilho, que frequentara o *Tibur* do poeta e que pertencera ao tempo em que o mestrado litterario era exercido por Garrett e Herculano. Via-se bem que fôra do tempo em que o Sampaio da Revolução escrevia os seus formidaveis artigos no portuguez de Bernardes e de Lucena, em que Rodrigo da Fonseca pautava os primores do seu dizer tribunicio pelo modelo vieirense e açacalava as suas satyras com o esmeril de Tolentino, em que José Estevão fundia as suas fulminantes replicas parlamentares no cadinho da eloquencia Ciceronica, em que Latino, Rebello, Tulio e Teixeira de Vasconcellos compunham em vernaculo algumas das mais formosas joias e das mais bem lapidadas gemmas da nossa litteratura. O culto das francezas, a gafaria dos galliparlas e a originalidade patusca das penhas juvenis, abastardaram o nosso idioma, rebaixaram n'ô á linguagem furta-côres dos caixeiros das lojas de modas ou ao calão ignobil dos palavreiros das phylarmonicas politicas. E, se nos fosse licito estabelecer *similes*, diriamos que, antigamente, a lingua portugueza era uma donzella pura, incorruptivel, que vivia em casa e fiava lã como a matrona romana, enquanto que hoje é uma franduna salaz, que arrasta os seus donaires pelos divans dos bordeis, abrindo o cinto a todos os caprichos torpes de quem a requesta.

O espirito inventivo e audacioso de D. Thomaz de Mello corria parelhas com o dos cidadãos dos Estados-Unidos, era genuinamente *yankee*. D. Thomaz de Mello estabeleceu os primeiros kiosques lisboetas, inventou as celebres sardinhas á Rochefort, creou os primeiros postos-medicos no Porto, em 1872, e fundou a primeira agencia de cartazes em Lisboa. Contava apenas onze annos de idade, quando recebeu o baptismo de fogo das aventuras sensacionais. No tempo da Maria da Fonte, em 47, o irmão do conde das Antas costumava levar o *Espectro* para casa do pae de D. Thomaz de Mello, e era este o encarregado de o distribuir depois pelas residencias de alguns amigos. Mas, certa occasião, indo a cavallo, foi perseguido pela policia e agarrado, e sendo-lhe descoberto o *Espectro*, que elle escondera no peito, por baixo da camisa, conduziram n'ô ao governo civil, onde o Marquez de Fronteira, então governador civil, o mandou castigar com duas duzias de palmatoadas. O ladino petiz ainda teve parte activa n'outro caso politico do tempo. Seu avô materno, o inglez João Fletcher, tinha escondido na sua cavalharia, entre as palhas das mangedouras das vaccas, os antigos ministros Joaquim Antonio de Aguiar, Magalhães e Julio Gomes da Silva Sanches, e o deputado barão de Noronha. Chegou-se a dizer no Paço, que deviam estar escondidos em casa do Fletcher, onde deviam ir prendel-os, ao que o duque da Terceira objectou: — "Não vão, que é tempo perdido. O Fletcher tem arte de os empalmar." Não obstante a advertencia, alguns quadrilheiros do governo civil tiveram ordem de dar busca á morada do Fletcher e depois á cavalharia, onde interrogaram o pequeno D. Thomaz de Mello sobre se havia algum escondido nas palhas das mangedouras, instigando-o, ao mesmo tempo, á denuncia, com o engôdo de dois pintos que lhe metteram na mão. O astuto rapazêlho, que conhecia as manhas das vaccas, apontou-lhes para as mangedouras, como que incitando os a effectuarem a busca. Um dos esbirros, todo contente, encaminhou-se para ellas, mas uma das vaccas disparou-lhe logo uma tremenda parelha de coices, que o obrigou a recuar tão contundido quanto confundido, e a dar a sua missão por finda, conseguindo-se d'esta maneira livrar os politicos das garras dos janizaros cabralistas.

D. Thomaz de Mello possuia um cavallo, que habituou a comer carne e peixe, e a que poz o nome de *Joaquim José dos Santos*. Uma vez, estando D. Manuel Niza com varios amigos no Passeio Publico, apostou que iria a Cintra n'aquelle cavallo em uma hora e vinte minutos. Pois chegou alli em uma hora e onze minutos, e ganhou a aposta.

Não nos faremos cargo de traçar a biographia de D. Thomaz de Mello, porque, n'esse caso, muito haveria que dizer das suas excentricidades, da sua originalidade inegalavel, da sua imaginação conceptiva e da sua phantasia, das suas partidas engraçadissimas, do seu espirito zombeteiro e da sua conversação temperada com grande pingo de sal. Porque elle pertenceu a essa geração de excellentes rapazes, tão promptos no madrigal como no pugilato, que escreviam tão bem um folhetim como executavam uma péga de

graphica dos pés da Bellini, em que a sociedade de raça fina dançava nos primorosos bailes da Thalia, presididos pela elegancia não o deslustra, porque nas hostes da bohemia litteraria figuram não o deslustra, porque nas hostes da bohemia litteraria figuram os mais cotados nomes: de Homero a Verlaine, de Camões a José Agostinho de Macedo, de Bocage a Garrett e mesmo a Herculano, que outra coisa não foi, quando vagueava exulado pela Inglaterra e pela França e quando se alistava como soldado raso, e partia á aventura, nas phalanges liberaes para a Terceira e para o Mindello.

Como homem de letras, escreveu oito volumes, sendo tres de memorias, varios folhetos e uma peça theatral, *O Negro de Alcan-tara*, graciosissima parodia ao *Othello*. Deixou dois ineditos: o 1.º e o 2.º acto de uma parodia ao *Hamlet*, e uns trechos, em verso, ha peça *Ascalante*, grande parte da qual se perdeu no fogo, que, ha uns annos, teve na sua casa da calçada do Garcia. Também sacrificou nos altares do jornalismo litterario, porque sabia que a chronica é a historia de tudo que não tem amanhã: a nuvem que passa, a vaga que se quebra, o sorriso moribundo sobre uma bonita bocca...

cernôlha, que sabiam empunhar uma espada no campo de batalha como um florete no campo do duello, que raptavam uma dansarina com a mesma facilidade com que destruíam os bancos da plateia de S. Carlos n'uma noite de pateada. Porque elle pertenceu a essa geração de briosos rapazes, que tinham convicções inquebrantáveis, enthusiasmos sagrados, bizarras castelhanas do Cid, e, sobretudo, que timbravam em imitar esses antigos fidalgos, tão admiravelmente synthetizados no typo do valor aristocratico do verso camoneano:

Liberai, cavalleiro, enamorado!

Hoje — como nos compunge dizel-o! — não ha nada d'isso. Succedeu ao espirito dos novos o que aconteceu á finança nacional — abriu fallencia. E a fina flor da rapaziada moderna, a mocidade capitulada de triumphadora nas conjuras de toucador e nos prelios das elegancias, o que faz é escrophular-se ás portas das tabacarias, anemiar-se nas pastelarias, pelintrar na Avenida, arruinar-se nas batotas e bestialisar-se nas secretarias.

Apesar da sua procedencia legitimamente aristocratica, D. Thomas de Mello nunca fez o minimo alardo dos seus pergaminhos e do seu sangue azul. Eliminava sempre o *Dom*, que precedia o seu nome, ao invéz de muitos que o usam, sem que, de direito, lhes pertença. A sua despreocupação das vaidades humanas e o seu desprezo pelos formalismos sociaes levaram-n'o a conviver com todas as classes. Sob este restricto ponto de vista, parecia-se com dois dos seus intimos amigos: o conde de Vimioso e o Marquez de Angeja. Por isso o viram sentar-se, indistinctamente, á meza redonda do Matta e á meza redonda do *Escoveiro*, do Campo Grande; por isso o viram abancar ás mezas do Martinho e ás mezas do botiquim da Rôca, na travessa da Palha, em que se reunia com João de Deus, Guimarães Fonseca, Urbano de Castro, Fernando Leal, Bettencourt Rodrigues, Pedro dos Reis, Gomes Leal, Coelho de Carvalho e Oliveira Mascarenhas.

D. Thomas de Mello conservou, até ao inverno da sua vida, as qualidades capitaes que enfloraram a sua ridente primavera — a alegria, que é a eterna mocidade do espirito, e a bondade, que é a mais formosa manifestação do caracter. Mas os ultimos mezes da sua existencia foram alanceados por soffrimentos cruciantes, que sua segunda mulher procurou attenuar com sollicitude — essa lampada de Aladino que jámais se apaga no coração das boas esposas. Na ultima vez que o visitámos, disse-nos com tristeza: "Você vem assistir a uma tragedia. . . A breve trecho, porém, mudou de tom e principiou a recitar-nos uns versos de João Saraiva, que elle apreciava muito. Pobre amigo! Sobre a sua sepultura, que se acaba de fechar, piedosamente desfolhamos as flores da nossa saudade.

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

Um sino gothico



Um dia de outono, depois das primeiras aguas haverem lavado a paisagem, uma ermida caída, reverberante de sol com seu luzidio registro de azulejos, recortando-se sobre a atmosphera intensamente anilada; um sino badalando no respectivo campanario; foguetes annunciando uma tourada — são, em conjunto, elementos de alegria, que só a villa portugueza pôde offerecer! Sem o sino, toda esta polychromia perderia metade do seu vibrante valor; "festa sem sinos, em Portugal, não é festa", assim o ouvimos a um portuguez illustre.

Ninguem para tocar sinos como os portuguezes, ninguem para os comprehender como nós, portuguezes; crêmos, mesmo, que jámais houve paiz que gastasse tanto dinheiro em sinos como Portugal, nem monarcha algum, como D. João V, que tanto dispendesse em adquirir sinos, chegando a mercar dois *carrilhões* para o mosteiro de Mafra, por não achar bastante um só.

Haverá algum lusitano, que não tenha ligado ás recordações da mocidade certo repicar de sinos do bairro, onde passou os verdes annos? A nós não nos esqueceram ainda os da torre de S. José, em que o sineiro exhibia, entre as modinhas do seu repertorio, a *Maria Cachucha!*

Que contraste o dos sinos, segundo a hora em que se fazem ouvir! Nada de mais risonho que as torres parochiaes de Lisboa, avisando a população de que o dia é commemorativamente festivo, nem de mais eloquentemente pavoroso que o toque a rebato, depois do sino haver indicado o local d'um grande incendio, em noite negra e desabrida!

Nada como os sinos para traduzir os dois aspectos fundamentais da humanidade — a vida e a morte.

Ha, porventura, no dia, momento mais respeitoso, mais cheio de poesia, que aquelle em que *Millet*, se inspirou para pintar a sua obra prima *L'Angelus*, hora da Anunciação, hora da *Ace Maria?*

Essa hora, que, mal o disco transpõe o horizonte, é recordada aos portuguezes por tres badaladas, que os sinos tangem, e cujas harmonias, pouco a pouco, se vão extinguindo no caminho do sol, é a hora em que acaba a vida dos homens e a luz solar, é a hora que annuncia a vida do Senhor.

O sino gothico não tocava, não dizia nada, e cremos que have-

ria muitos annos, que o não faziam soar tristezas nem alegrias; absolutamente discreto, em attitude de gymnasta fazendo o *christo*.

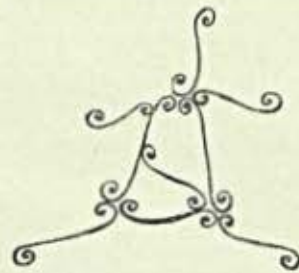
Ha quatro annos, quando olhávamos para a torre do extincto mosteiro de S. Bento, a dois kilometros de Evora, vimos um sino, que, apesar de ser do feitio dos outros sinos, fez-nos bater o coração!

Não foi sem custo que conseguimos approximar-nos d'elle. Então, ficámos maravilhados: era um sino gothico, de bello e delicado lavor, que a distancia a que o havíamos visto não deixava apreciar.

Que larga historia esse formado bronze não nos poderia contar! Quasi cinco seculos estavam ali representados, como o attestava a data, nitidamente relevada! Tocámos lhe levemente com o lapis com que copiávamos a era, que marca o ultimo periodo da interessantissima e religiosa arte gothica; respondeu-nos baixinho e prolongadamente, como se repercutisse um coro beatifico de monjas, arrecadado por muitos annos.

Eis os dois desenhos que tiramos:

MIL: ECCCC: XXIX



Mais haveria que estudar, se não tivéssemos sido surprehendidos e não teméssemos chamar a attenção para tão extraordinaria reliquia. Descemos com ideia de voltar, o que não pudémos fazer até hoje.

O mosteiro de S. Bento, de freiras de S. Bernardo, foi fundado em 1196, e deve ter sido terminadno no reinado de D. João II, epoca posterior á fundação do sino, — o mais bello que temos visto.

Embora da fabrica não restem vestigios gothicos que se imponham a uma rapida visita, é crêr que existam, tanto d'este periodo, como do periodo romanico, em que o convento foi fundado.

Recommendamos a algum curioso, que viva mais perto do mosteiro de S. Bento, este exemplar que é digno de ser estudado em todos os seus pormenores, para que, *por se acaso*, como dizem os hespanhoes, não vão derretê-lo, ou *cosa por el estilo*, como egualmente dizem os nossos visinhos! . . .

Por conseguinte pedimos, a quem mais directamente competir, vigilancia sobre este documento, que representa um valor, muito mais alto para a historia da arte, que para reduzir a moeda corrente. E' tempo de acabar com o habitual desleixo; os que nos succederem, teem o direito de ver dentro do seu proprio paiz, alguma coisa de bello e de estimavel do que possuímos.

Perto do sino, objecto d'esta descripção, ha ainda um outro datado de 1753.

Estrel, 7-10-1903.

José Queiroz.



Antonio de Portugal Kukenbuck Villar

Alferes de cavallaria

Ben longe estavam de imaginar que o retrato d'este illustre official, cujo nome firmou, ainda não ha muito, n'estas columnas um artigo sobre as Guardas municipaes, havia de figurar aqui por motivo tão triste — o seu desapparecimento na noite de domingo, 1, envolta nos ondas do mar embravecido.

Antonio Villar voltava com uns amigos da regata em Cascaes. Vinham todos n'uma chalupa — Oliva — propriedade de dois compenheiros d'elle. A noite estava escura. De repente vem perto da chalupa um vapor, que lhes corta ao meio a embarcação e os lança a todos ao mar. E depois? Mais nada. Ao fim de duas horas é salvo por um vapor de pesca um dos tripulantes que conta o pouco de que se lembra. Ouviu ainda por algum tempo os gemidos dos compenheiros. Depois tudo esvaneceu. Não se lembra de mais nada. Um horror!

Antonio Villar era um apaixonado do mar. Matou-o essa paixão. Pobre Villar, e pobre familia! O «Brasil-Portugal» que perde um amigo e um collaborador distincto depõe aos pés da sua illustre viuva a expressão do seu mais profundo pezar.

Posto de desinfeção



Deve ser inaugurado no dia 1 de janeiro de 1906 o posto de desinfeção, cujos trabalhos começaram ha cerca de dois annos. Era tempo de acabar com as difficuldades e empecilhos levantados a cada passo com as cautellas pela saúde publica, a qual saúde se embuseava timorata atraz dos muros do lazareto, de trabuco engatilhado e apontado ao papão da febre amarella.

De uma cajadada mata-se uma enfiada de coelhos: civilisamo-nos — attraimos concorrência — mettemos dinheiro na bolsa, como se diz n'uma tragedia de Shakespeare — e estrangulamos sem piedade o castrão lisboeta.

Com o posto de desinfeção dão a alma ao vento as quarentenas e as respectivas contas do hotel e adjacentes — acabam as travessias nas execradas jaulas para transporte de pestíferos — as idas e vindas por causa das bagagens — as gorjetas arrelentas — a exploração de carroceiros e demais personagens da beira-rio — e põmos em terra firme o passageiro sem quisilias e má vontade contra os selvagens que até aqui o recebiam com duas pedras em cada mão.

Esta pagina com gravuras consagramos nós aos que do continente americano nos lançam olhos desconfiados. Vae começar uma nova era de liberdade, amigos. Não mais emparedamentos nas enxovias da Outra Banda. Os paquetes que vos transportarem passarão de largo e virão depôr-vos delicadamente n'um caes ao nivel dos tombadilhos, de onde podereis mandar parar o primeiro electrico que passe ahí por alturas da rocha do Conde de Obidos, a qual rocha demora a 10 minutos do Rocío, onde o *dador da carta* vos fará um gracioso *salamalek* de boas-vindas.

Tereis quando muito uns minutos para a desinfeção de bagagens supeitas, outros tantos para que a *aduana* verifique a não presença de contrabando, outro minuto para um aperto de mão á urbanidade dos fiscaes zelosos e pouco minuciosos, e larga para a cidade. Se depois d'estas coisas summarias e legaes ainda vos queixaes, então voltae para o beliche, ide até Vigo, e diverti-vos.

Entretanto aqui vos deixamos algumas notas explicativas da nova installação que tantos serviços vae prestar ao estreitamento das nossas relações.

Occupa o posto de desinfeção uma area de 8.500 metros. Voltado ao Tejo, prolonga-o um caes acostavel com 300 metros de extensão, podendo atracar a elle tres navios de alto bordo. O caes é servido por carris para transporte rapido de bagagens.

Ha dois armazens espaçosos (700 m. quadrados), dois para a fiscalisação da alfandega e uma casa de despacho.

Terá seis camaras de desinfeção pelo sulphuroso (700 m. quadrados), tres estufas para desinfeção pelo vapor (*systema Genante*) e uma casa de machinas e *apparelho Clayton*.

O bastante para desimpedir em menos de uma hora tres grandes paquetes, se tres vierem acostar ao mesmo tempo.

Temos depois dependencias indispensaveis — habitações vastas e commodas para o director, para o chefe dos serviços alfandegarios, para o medico adjunto e para dois fiscaes.

E no interior estabelecimento para banhos de desinfeção do pessoal menor, e salas de espera para os passageiros das varias classes, e *toilettes* espaçosas e arejadas para senhoras.

Para o caso improvavel da não acostagem dos paquetes (se um motivo de pressa a isso os forçar) haverá um vapor e duas gondo-



Armazens

las cobertas e decoradas para transporte rapido dos passageiros — serviço gratuito.

Um ovo por um real.

As gravuras que acompanham estas palavras darão idéa approximada do que será o *posto*, ainda em construcção e todo atravancado de materiaes, e que o engenheiro capitão Antonio Parreira — um nervoso trabalhador tão capaz de levantar uma planta como de se transformar em pedreiro se as coisas não lhe correrem



Frente para o Tejo. — Estufas no 1.º plano

a gosto — promette, convencido, entregar lavado e barbeado no dia 31 de dezembro. Prometteu — cumpre: nunca faltou á sua palavra.

Uma nota para as companhias de navegação:
O caes de acostagem desce a oito braças de fundo na baixa mar. Não haverá quiha que lhe chegue.

— Já viram o meu *baby*?
— Anda, *baby*, dize: onde é que a galinha põe o ovo?
Assim que sabe onde a galinha põe o ovo, o *baby* começa a sair á rua, n'uma carruagem chamada *landau*, ao cóllo de uma mulher chamada *bonne*.
As primeiras palavras que pronuncia são portanto francezas:
— *Bon... jour... bon... soir... che... val... sol... dat...*
Quando todas as senhoras — em portuguez *Mesdames* — e as me-



Posto de desinfeção. — Vista do lado de terra

O estrangeirismo

De resto, aqui não se pode deixar de se ser mais estrangeiro do que portuguez, porque desde que a pessoa vem á luz até que morre, anda n'un estrangeirissimo pegado!...

Ora oiça:

E' raro o portuguez que ao nascer não se chama *déli-*

erance,

"Teve hontem a sua *déli'erance* a sr.^a Fulana," "Teve hoje uma *déli'erance* Madame Sicrans..."

ninas — em portuguez *Mesdemoiselles* — acham o *baby* um amor, passa elle das mãos da *bonne* para as da *miss*, e começa a misturar as palavras francezas que lhe ensinou aquella com as inglezas que lhe ensina esta.

— Cumprimenta esta senhora, meu menino...

— *Good morning! Comment vous portez vous, Madame Miss?*

Entre o papá que joga uma coisa americana chamada *bost n.*, a mamã que faz uma coisa ingleza chamada *flirt*, as manas que jogam uma coisa franceza chamada *croquet*, os manos que fumam uma coisa chinesa chamada *opio*, e os creados, que praguejam uma coisa hespanhola chamada *caramba*, o menino vai medrando e chega á idade em que é preciso começar a tirar curso.

Seja qual for que siga, é sempre um curso organizado segundo um magnifico plano adoptado na Allemanha, com emendas tiradas



Posto de desinfeção. — Vista lateral. — Caes de acostagem

N'essa posição social franceza o portuguez vive os primeiros dias, até que passa a ter uma posição social ingleza — é *baby*...
— Que lindo *baby*!

da legislação da Inglaterra, algumas disciplinas copiadas da instrução na Suissa e uma ou outra orientação seguida pela Italia.
Se é esperto e apanha nos actos uma coisa latina chamada *né*

mine, em poucos annos está prompto para a vida pratica, e o pae, dando-lhe de presente uma charuteia feita em Vienna d'Austria com charutos feitos na Havana, dir-lhe-ha:

— Agora governa-te! Começas o *struggle-for-life!*

O pequeno não percebe, mas começa...

Começa por fazer asneiras com uma hespanhola, vestir-se como um inglez e gastar como um brasileiro...

Começa por indagar para que lhe servem os tres annos de latim e de grego, a physica que estudou por um livro allemão, a chimica

— Talvez Portugal esteja na arte! pensa elle.

E começa a visitar predios em estylos italianos, palacios francezes, chalets suissos: nas montras dos livreiros vê obras de Bourget, de Galdós, de Gyp, de d'Annunzio, de Gorki; nas casas particulares admira oleographias hollandezas, bibelots austriacos; vae a S. Carlos ouvir musica de Wagner, ao D. Amelia rir com uma charge de Capus, a D. Mariá chorar com um drama de Fabre, ao Campo Pequeno admirar a plastica do Bombita-Chico.

Mette-se n'um electrico vindo da America, vae visitar a defeza de Lisboa composta de peças Snelder-Canet, espingarda Mannlicher e navios Oriando; lê os jornaes onde se discute com enthusiasmo questões entre Companhias, dirigidas por cidadãos estrangeiros e resolve-se por fim a fazer uma viagem á Provincia, a ver se lá encontrará Portugal.

Para isso vae á Companhia dos Caminhos de Ferro, dirigida por um francez, compra um bilhete para um comboio chamado *wagon-lit*, e abaa de Lisboa finalmente entre um caixeiro viajante belga e uma mestra allemã.

ANTONIO BANDEIRA.



Posto de desinfeção. — Habitação para empregado do posto

que aprendeu n'um livro italiano, as mathematicas que decorou n'um livro francez, e a exportação da Belgica, e a vegetação dos Alpes, e quem era o terceiro Pharaó do Egypto...

Começa por tudo isso, mas como no fundo é portuguez, e quer honrar a memoria de Camões, do nosso Camões, que elle nunca leu, decide-se um dia a ver se descobre Portugal cá na terra!...

— Começemos, pelas forças vivas, pelas fabricas, pelas companhias, pelo commercio! diz elle.

E abre o *Almanach Commercial*, á procura de nomes portuguezes
Lê: *Colonial Oil Company — Old England — Maison St. Joseph — J. Wimmer & C.* Madame Lathéliez — Pacific Steam Navigation Company — Chargeurs Réunis — Avenida Palace — Rendez-Vous des Gourmets — Credit Lyonnais...



A jornada

Da distincta poetisa brasileira, D. Adelina Lopes Vieira, actualmente em Portugal, publicamos hoje este magnifico soneto que por si só confirma a sua notoriedade litteraria.

Infancia! Trilho doce em farta messe
de rosas, e avesinhas multicores,
em que, do sol aos ultimos fulgores,
no regaço materno se adormece

Addescencia! O mundo que parece
um perenne jardim, de eternas flores,
onde, entre sonhos, recordando amores,
o som do baile se mistura á prece!...

Mocidade! Luz plena, o ceu na terra...
Amar, amar, amar e ser amada!
Eis a melhor das bemaventuranças!

Velhice! Atra avalanche que soterra
em treva densa, fria, illimitada,
aspirações, saudades, esperanças...

ADELINA LOPES VIEIRA.



Posto de desinfeção. — Armazem de bagagens

O Lazareto

Em janeiro de 1900 lia-se no *Brasil-Portugal*:

"O tão falado baluarte da febre amarella que o viajante evita como um esolho, que o commercio detesta como um espantalho á clientella, está de novo em fôco. O Lazareto de Lisboa é, fronteiro quasi ao Bom Successo, na outra margem do rio, um estendal de edificios amarelleando entre verduras, fazendo subir muros pela montanha acima, com seu desenho de muralhas de fosso, e deixando nas edificações do alto, entrar, por muitas janelas o ar, o que lhe dá um feitiço suspeito de hospital. O conjucto é pois um mixto de forte e hospital e não passa a valer de um *Hotel-Prisão*.

... Recursos certos de hygiene individual, possibilidade inilludível de seguir qualquer caso, policiando as provaveis pessoas-vehiculos, alindando-as como se limpa um canastro vindimo, tornarão de certo esse casarão mais dia menos dia em santa arrecadação de frades prophylaticos, visto que para quartel da municipal está longe de povoações pensantes e buliçosas, e attendendo mais a que o incremento religioso, tratando de limpar as almas: não achará mau desinfectal-o sem estufas *Geneste & Herscher*...

N'essas palavras que acompanhavam varias gravuras, lavrava-se um protesto ao phantasma que, de longos annos, vinha apavorando os *touristes* e os expatriados que regressavam n'uma ancía de ajoelhar na terra que os vira nascer.

O lazareto continuou ainda durante mais de 5 annos enraizado nos seus muros, ameaçador, austero, de pé sobre a lei do medo e da tolice. Mas chegou o momento de cair. Não o alluem. A tremenda Babilha fioará como sentinella inoffensiva a gosar o espectáculo feerico do Tejo, e com invejas do posto de desinfectação que a desbancou da sua importancia. E d'óra ávante, lá no alto da collina, o cemiterio sem habitantes apenas servirá de cemiterio ás suas maguaas. Só de onde aonde o monstro abrirá as guellas em casos extremos, e tornará a emudecer para chorar á passagem triumphante dos grandes transatlanticos, de bandeiras ao vento, cheios de passageiros cantando um de *profundis* trocista.

O *Brasil-Portugal* reproduz hoje a phisionomia do morto, sentindo não poder consagrar-lhe os adjectivos de encomios, que a morte sugge sempre para todos os extinctos mais ou menos patifes.

Talleyrand

Na rua de S. Florentino ha um palacio e um cano de despejos.

O palacio, que é d'uma nobre, rica e triste architectura, chamou-se por muito tempo *Palacio do Infante*; hoje lê-se no frontão da sua porta principal *Palacio Talleyrand*. Durante os quarenta annos que habitou n'esta rua o ultimo morador d'este palacio nunca voltou talvez o seu olhar para esse esgoto.

Era um personagem estranho, temido e consideravel; chamava-se Carlos Mauricio de Perigord; era nobre como Machiavell, padre como Gondy; e egresso como Fouché, espirituoso como Voltaire, coxo como o diabo. Podia dizer-se que tudo coxeava n'elle tambem: a nobreza que elle fizera escrava da republica, o sacerdocio que elle arrastara ao Campo de Marte, e depois atirara para a regueira, o casamento que elle despedaçara por vinte escandalos e pela separação, o espirito que elle deshonrara pela baixaza.

Esse homem tinha comtudo a grandeza; confundiam-se n'elle os

esplendores dos dois regimens; era principe de Vaux, do reino da França e principe do imperio francez.

Durante 30 annos do fundo do seu palacio, do fundo do seu pensamento, quasi que dirigira a Europa. Deixava-se tratar por tu pela



O cemiterio do Lazareto

republica, e sorria-se para ella, ironicamente isso é verdade, mas ella não dera por tal. Ladeára, conhecera, observára, penetrára, abalára, revolvera, aprofundára, escarneçera, fecundára, todos os homens do seu tempo, todas as idéas do seu seculo, e houvera na sua vida minutos em que, tendo na sua mão os quatro ou cinco fios que faziam mover o universo civilisado, tinha por títtere Napoleão I, imperador dos francezes, rei da Italia, protector da confederação do Rheno, mediador da confederação da Suissa. Ah! está con que brincava este homem.

Depois da revolução de Julho, tendo caído a velha raça, de que era o camarista-mór, pozera-se elle logo de pé, e dissera ao povo de 1830, sentado, de braços nús, n'um monte de pedras: «Faze-me teu embaixador.» Recebera a confissão de Mirabeau e a primeira confidencia de Thiers. Dizia de si que era um grande poeta e que fizera uma trilogia em tres dinastias: acto I o imperio de Bonaparte, acto II a casa de Bourbon, acto III a casa de Orléans.

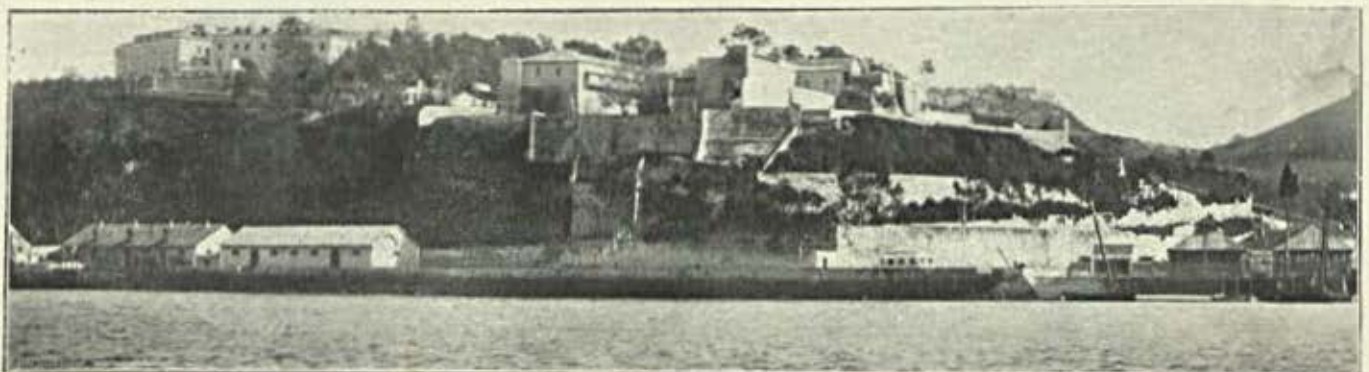
Fizera tudo isso no seu palacio, e n'esse palacio, como a aranha na sua teia, successivamente empolgara, depois de os ter attraído, heroes, pensadores, grandes homens, conquistadores, reis, principes, imperadores, Bonaparte, Sieyès, madame de Stael, Chateaubriand, Benjamim Constant, Alexandre de Remis, Guilherme da Prussia, Francisco da Austria, Luiz XVIII, Luiz Philippe, todas as abelhas doiradas e radiantes que zumbem na historia d'estes ultimos quarenta annos.

Todo este scintillante enxame, fascinado pelo olhar profundo d'esse homem, passava successivamente por essa porta sombria que tem escripto na sua architectura: *Palacio Talleyrand*.

Pois muito bem! antes de hontem, 17 de maio de 1838, esse homem morreu. Vieram uns medicos e embalsamaram o cadaver. Para isso, á moda dos egypcios, tiraram as entranhas do ventre, e o cerebro do craneo. Feito isso, depois de terem transformado o principe de Talleyrand n'uma mumia, e de terem pregado essa mumia n'um caixão forrado de setim branco, retiraram-se deixando em cima de uma meza o cerebro, esse cerebro que pensara tantas coisas, inspirara tantos homens, construiu tantos edificios, conduzira duas revoluções, enganara vinte reis, contivera o mundo. Depois de partirem os medicos, entrou um creado, vio o que elles tinham deixado: Olha, esqueceram-se d'isto. Que lhe hei de eu fazer? Lembrou-se que havia um cano de despejo na rua, foi lá e deitou o cerebro para esse esgoto.

Finis verum.

VICTOR HUGO.



O velho Lazareto de Lisboa — Lado do norte